

RELATO DE EXPERIÊNCIAS LÚDICAS DESENVOLVIDAS COM CRIANÇAS COM TEA EM MEU PERCURSO FORMATIVO DURANTE O CURSO DE PEDAGOGIA¹

Luzimara dos Santos Oliveira Miranda²

RESUMO

Este artigo investiga a ludicidade como estratégia pedagógica para o desenvolvimento e inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As experiências em destaque, realizadas em uma escola municipal de São Francisco do Conde (BA), combina observações em sala de aula, relatos de profissionais e vivências da autora, familiar de uma criança com TEA. O estudo examina os impactos das atividades lúdicas no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dessas crianças, enfatizando a formação docente e políticas públicas inclusivas para assegurar aprendizagem e participação plena.

Palavras-chave: educação inclusiva; ensino - metodologia; crianças com Transtorno do Espectro Autista - São Francisco do Conde (BA); ensino fundamental.

ABSTRACT

This article investigates playfulness as a pedagogical strategy for the development and inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the early years of elementary school. The highlighted experiments, conducted at a municipal school in São Francisco do Conde, Bahia, combine classroom observations, reports from professionals, and the experiences of the author, a family member of a child with ASD. The study examines the impacts of playful activities on the cognitive, emotional, and social development of these children, emphasizing teacher training and inclusive public policies to ensure learning and full participation.

Keywords: inclusive education; teaching - methodology; children with Autism Spectrum Disorder - São Francisco do Conde (BA); elementary education.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade.

² Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e as interações sociais dos indivíduos, de acordo com a *Associação Psicológica Americana (2014)*. A presença de crianças com TEA nas escolas regulares tem se tornado cada vez mais comum, impulsionando debates sobre inclusão, formação docente e adaptação pedagógica. Diante disso, a ludicidade - entendida como a utilização do brincar como ferramenta de ensino - tem se mostrado uma estratégia relevante na promoção do desenvolvimento e da aprendizagem desses estudantes.

Este artigo apresenta um relato de experiências vivenciadas pela autora durante o curso de Licenciatura em Pedagogia, com foco nas práticas lúdicas desenvolvidas com crianças com TEA nos anos iniciais da Educação Infantil e do Ensino Fundamental em duas escolas municipais de São Francisco do Conde, Bahia. As intervenções ocorreram principalmente no contexto do estágio supervisionado, entre abril e setembro de 2024, e foram enriquecidas por formações oferecidas pela APAE local, vivências pessoais da autora enquanto familiar de uma criança com TEA e discussões teóricas ao longo da formação acadêmica.

Além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), este estudo dialoga com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI – Lei nº 13.146/2015), que assegura a inclusão plena de pessoas com deficiência em todos os ambientes sociais, especialmente no sistema educacional. A pesquisa também considera a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que orienta políticas educacionais inclusivas ao redor do mundo.

O objetivo principal deste trabalho é analisar como as práticas lúdicas contribuem para o processo de ensino-aprendizagem de crianças com TEA e como essas experiências foram vivenciadas e interpretadas no decorrer da formação da autora. Além disso, o artigo investiga a percepção docente sobre o uso da ludicidade como estratégia pedagógica, a partir de entrevistas e observações realizadas em sala de aula. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevista semiestruturada com uma professora que atua diretamente com alunos com TEA.

A seguir, será apresentada uma análise teórico-prática das atividades lúdicas observadas e realizadas, considerando os desafios e as possibilidades do uso do brincar como instrumento de inclusão.

A legislação brasileira garante o direito à inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) define necessidades educacionais especiais como carências relacionadas a deficiências ou dificuldades escolares, incluindo crianças com deficiência, com altas habilidades/superdotação, com transtornos do neurodesenvolvimento, dentre outras. Trabalhar com inclusão exige formação continuada e a superação de desafios, como apontado por Ferreira (2019), que destaca a complexidade da inclusão e a necessidade de valores como escuta, criação de alternativas e construção de ambientes saudáveis. A ludicidade torna-se uma ferramenta importante nesse contexto, criando espaços inclusivos, empáticos e benéficos, como afirmado por Brougère (2010), que destaca a importância da cultura e da interação social no desenvolvimento da brincadeira.

Nos contextos escolares inclusivos, professores frequentemente se sentem despreparados para atender às demandas de alunos com TEA. A ludicidade, como atividade livre que estimula a imaginação, torna-se crucial para o desenvolvimento dessas crianças. Bispo *et al.* (2021) ressaltam que a ludicidade ativa as potencialidades intelectuais, emocionais e sociais, preparando-as para as etapas seguintes da educação e formação humana.

Huizinga (2008) reforça a importância do jogo como elemento essencial da cultura humana, tornando o aprendizado lúdico natural e prazeroso. As atividades lúdicas favorecem a criatividade, a interação, a inclusão e facilitam a compreensão de conteúdos, tornando-se aliadas dos professores no atendimento às necessidades dos alunos com TEA.

2 LUDICIDADE, INCLUSÃO ESCOLAR E RELATO DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular é assegurada por diversos dispositivos legais brasileiros, como a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)**, que garante acesso à educação em igualdade de

condições com os demais, e a **Lei nº 9.394/1996 (LDB)**, que prevê o atendimento educacional especializado aos educandos com necessidades educacionais específicas. Além disso, documentos internacionais como a **Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994)** reforçam a importância da construção de sistemas educacionais inclusivos e equitativos.

A legislação brasileira reconhece que as deficiências podem ser permanentes ou temporárias e, portanto, as estratégias pedagógicas devem ser sensíveis às singularidades dos alunos, promovendo não apenas o acesso, mas também a participação plena e efetiva no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a ludicidade emerge como uma prática pedagógica potente para crianças com TEA, uma vez que permite respeitar ritmos, estimular o desenvolvimento global e fortalecer vínculos afetivos no ambiente escolar.

De acordo com Brougère (2010), o brincar é uma forma essencial de expressão cultural e de construção de sentido para a criança. Huizinga (2008) reforça que o jogo, além de atividade prazerosa, constitui um elemento essencial da cultura humana. Assim, o uso de jogos e brincadeiras em ambientes escolares não é apenas uma estratégia de ensino, mas uma via legítima para promover a aprendizagem e o desenvolvimento.

Durante o estágio supervisionado, realizado entre abril e setembro de 2024 em duas escolas municipais de São Francisco do Conde (BA), foram acompanhadas crianças com TEA em diferentes contextos: uma turma de Educação Infantil (Grupos 3 e 4, com crianças de 3 e 4 anos) e turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com destaque para uma turma do 4º ano. As atividades pedagógicas foram planejadas e adaptadas para promover o engajamento, o respeito às diferenças e o desenvolvimento integral dessas crianças, por meio da ludicidade.

Gomes, Sass e Reis (2023) afirmam que brincar desperta o interesse, promove a interação social e facilita a aprendizagem de forma prazerosa, contribuindo para o desenvolvimento da cognição, das emoções e da socialização. Szabo (2015) destaca a importância de um ensino voltado às potencialidades individuais de cada criança com TEA e a eficácia de práticas lúdicas, incluindo a música. Gagliato, Santos e Pinheiro (2022) reforçam a ideia de “atividades dirigidas” durante as brincadeiras, adaptando-as para fortalecer a inclusão. Oliveira (2022) ressalta a importância da formação continuada para que os professores possam utilizar as novas possibilidades que a educação oferece.

Na escola onde as experiências foram realizadas, as observações em sala de aula foram compartilhadas com o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para que, juntamente com o docente regente, sejam elaboradas alternativas para o trabalho com crianças com TEA. Szabo (2015) relata experiências de profissionais que obtiveram resultados significativos com a adoção de atividades adaptadas, respeitando as limitações de cada aluno.

2.1 RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

Na Educação Infantil, várias atividades lúdicas foram propostas com base nas datas comemorativas, como o Dia dos Povos Indígenas, e em conteúdos planejados em parceria com os professores e o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Dentre essas, destacam-se:

- **O cabo de guerra adaptado:** O cabo de guerra é uma brincadeira bastante conhecida pelas crianças da escola. Ela consiste em dividir dois grupos distintos e cada um dos quais segura uma das extremidades de uma corda longa e resistente. O objetivo do jogo para os participantes é puxar a corda para o próprio lado, fazendo com que o grupo adversário ultrapasse a marcação feita no chão. Para a brincadeira adaptada utilizou-se um tatame macio para segurança. A corda recebeu marcas coloridas e texturizadas para facilitar a preensão. As regras foram explicadas com imagens e demonstrações. A turma, dividida em dois grupos equilibrados, foi incentivada à colaboração, comunicação e respeito. Simbolizando união e força em culturas indígenas, a atividade promoveu aprendizado cultural e desenvolvimento socioemocional.

Figura 1 - Brincadeira do cabo de guerra



Foto: Luzimara Oliveira.

- **A peteca com materiais recicláveis:** A peteca, por outro lado, foi uma brincadeira desconhecida pela maioria das crianças, até antes deste momento. Ela é um objeto leve e, geralmente, enfeitado com penas. Os jogadores golpeiam a peteca com a palma das mãos de um para o outro, fazendo o máximo para que a mesma não caia no chão. As crianças confeccionaram petecas com materiais reciclados: garrafas PET, jornais, retalhos de tecido e penas coloridas. A professora demonstrou o passo a passo, incentivando a participação e a autonomia. Brincaram livremente com as petecas ao som de músicas indígenas. A peteca, brinquedo tradicional brasileiro de origem indígena, desenvolve coordenação motora, atenção e percepção espacial.

Figura 2 - Confecção de petecas com materiais recicláveis



Foto: Luzimara Oliveira.

- **As brincadeiras musicais:** Durante a pesquisa, jogos e brincadeiras foram utilizados como ferramentas significativas no processo de aprendizagem, integrando o conhecimento lúdico à proposta pedagógica. A observação atenta das crianças durante as atividades lúdicas revelou nuances importantes sobre o impacto dessas práticas nos seus processos de aprendizagem, especialmente para aquelas diagnosticadas com TEA. Assim, músicas como "A Dona Aranha", "Ciranda, Cirandinha", "Cabeça, Ombro, Joelho e Pé", "Borboletinha", "Calma, Respira" (Ninho Musical/Fabiana Godoy) e "Bamboleio - Música do Abraço" foram selecionadas por seus ritmos e letras que

promovem calma, interação e expressão emocional. Durante as músicas, as crianças cantaram, dançaram, imitaram gestos e interagiram. "Calma, Respira" auxiliou na regulação emocional, especialmente para crianças com TEA em momentos de agitação. "Bamboleio - Música do Abraço" promoveu interação afetiva e contato físico. A música, como elemento lúdico, favorece a linguagem, a coordenação motora, a expressão emocional e a socialização. As letras simples e repetitivas facilitam a memorização e a compreensão, especialmente para crianças com TEA. As crianças com TEA, inicialmente retraídas, passaram a participar com mais entusiasmo.

Figura 3 - Brincadeiras envolvendo a música



Foto: Luzimara Oliveira.

- **O jogo “Casinha”:** O jogo "Casinha", em espaço aconchegante, utilizou uma "casinha" de brinquedo, bonecas, panelinhas, comidinhas, roupinhas e móveis em miniatura. As crianças criaram histórias, assumiram papéis e interagiram. O "Casinha" estimula a imaginação, criatividade, linguagem, interação social e compreensão de relações sociais, benéficos para crianças com TEA no desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas.

Já no Ensino Fundamental, o relato de experiências se concentrou no 4º ano, com alunos de 9 anos, incluindo três diagnosticados com TEA. As práticas foram planejadas com apoio da coordenação pedagógica e do AEE, considerando o perfil da turma:

- **Jogo da velha adaptado com desafios matemáticos:** além de promover o raciocínio lógico, a atividade estimulou o trabalho em equipe e o respeito às regras. Para os alunos com TEA, foram utilizados suportes visuais e acompanhamento individualizado, o que favoreceu a permanência e a participação nas etapas do jogo.
- **Contação de histórias com fantoches recicláveis:** após a exibição de um episódio do *Sítio do Picapau Amarelo*, as crianças manipularam fantoches para recontar a história. Notou-se que os alunos com TEA interagiram mais com os fantoches do que com o vídeo em si, explorando as texturas e utilizando os bonecos para se comunicar.
- **Leitura de história sobre o autismo:** a atividade foi significativa, pois uma das crianças com TEA reagiu observando atentamente a narrativa. A turma foi convidada a refletir sobre o que é o autismo, promovendo empatia e respeito à diversidade.

Essas experiências demonstram como a ludicidade pode ser uma ponte entre o universo da criança e os conteúdos escolares. Por meio do brincar, os alunos com TEA não apenas aprendem, mas também se expressam, se relacionam e constroem sua identidade escolar.

3 PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE A LUDICIDADE NA INCLUSÃO ESCOLAR

A fim ampliar as reflexões que embasaram esse texto, buscou-se também dialogar com uma docente, durante a experiência do estágio. A docente atua com crianças com deficiência desde 2017 e tem experiência direta com estudantes com TEA. A conversa foi realizada em setembro de 2024 com duração de aproximadamente dois minutos. Sua análise permitiu compreender a visão pedagógica de quem vivencia, na prática, os desafios e as possibilidades da inclusão escolar por meio de estratégias lúdicas.

Segundo a professora, a **ludicidade é essencial para a aproximação com os alunos com TEA**, uma vez que possibilita conhecer melhor suas formas de comunicação, preferências e respostas aos estímulos pedagógicos. Ela relatou utilizar frequentemente recursos como a **caixa sensorial, massinha de modelar, potinho da calma, contação de histórias, jogos de encaixe e circuitos motores**, que, segundo sua experiência, contribuem significativamente para o desenvolvimento da oralidade, da escuta ativa, da motricidade e da imaginação dos alunos.

Um ponto importante destacado pela docente é a necessidade de **considerar cada criança em sua singularidade**: "Não adianta aplicar a mesma atividade para todos. Cada criança com TEA tem um jeito de aprender, de reagir, e isso só se descobre convivendo, testando, observando com sensibilidade", afirmou. Ela ressaltou que o uso do lúdico, especialmente quando associado ao afeto e à escuta, possibilita que as crianças se sintam mais seguras e abertas à aprendizagem.

Essa percepção docente está em consonância com autores como **Brougère (2010)**, que afirma que o brincar representa uma forma de mediação entre o mundo interno da criança e os significados culturais compartilhados, sendo especialmente valioso para crianças com dificuldades de comunicação. **Szabo (2015)** reforça que a mediação pedagógica baseada na ludicidade estimula o engajamento e potencializa o processo de aprendizagem em crianças com TEA, desde que adaptada às suas necessidades e limites.

A professora também destacou os desafios enfrentados, como a falta de formação contínua sobre práticas inclusivas e a escassez de recursos materiais nas escolas públicas. No entanto, pontuou que a criatividade e a troca entre os profissionais da escola — incluindo os regentes e o atendimento educacional especializado (AEE) — são fundamentais para enfrentar essas limitações e buscar estratégias alternativas.

Essa entrevista contribuiu para reforçar a centralidade do lúdico no processo de inclusão escolar, não apenas como técnica pedagógica, mas como postura afetiva e humana diante da diversidade. Além disso, apontou para a importância de políticas públicas que invistam na **formação docente, na disponibilização de recursos adequados e no fortalecimento da rede de apoio nas escolas**, de modo a garantir a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças com TEA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender de que forma a ludicidade pode contribuir para a inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio da análise de vivências durante o estágio supervisionado, da entrevista com uma docente da escola e da revisão de literatura sobre práticas pedagógicas inclusivas. O estudo evidenciou que o brincar,

quando adaptado às necessidades individuais, torna-se uma ferramenta eficaz para favorecer a aprendizagem, a comunicação e o desenvolvimento emocional e social dessas crianças.

As experiências relatadas tanto na Educação Infantil quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental demonstraram que as atividades lúdicas, como jogos simbólicos, atividades sensoriais, brincadeiras motoras e o uso da música, promoveram maior participação, engajamento e bem-estar entre as crianças com TEA. A observação direta permitiu identificar melhorias na interação com os colegas, na expressão emocional e na aceitação das regras do convívio escolar.

A entrevista com a professora reforçou a importância do conhecimento da individualidade de cada aluno, do uso de recursos acessíveis e da escuta sensível como elementos indispensáveis à prática pedagógica inclusiva. Destacou-se também a carência de formação continuada e de recursos adequados como obstáculos ainda presentes na rede pública de ensino, o que exige o fortalecimento de políticas públicas inclusivas e o investimento em formação docente qualificada, conforme preconiza a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)**.

Como limitação do estudo, destaca-se o fato de ter sido realizado com uma amostra restrita de alunos e em um único contexto municipal, o que não permite generalizações. Contudo, os dados obtidos oferecem indícios valiosos sobre o impacto da ludicidade na prática inclusiva e podem servir como base para novas pesquisas, formações de professores e ações institucionais voltadas à inclusão de alunos com TEA.

Conclui-se que a ludicidade, quando usada com intencionalidade pedagógica e sensibilidade, é um poderoso instrumento de inclusão, capaz de respeitar as diferenças, promover a aprendizagem significativa e garantir a participação plena de todas as crianças no ambiente escolar. É fundamental que as escolas invistam em práticas que combinem teoria, afeto e criatividade, construindo espaços verdadeiramente inclusivos e humanos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DMS-5. 5 ed. Porto Alegre. Artmed, 2014.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISPO, M. L. S. F. et al. **O lúdico na aprendizagem do aluno autista na educação infantil**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 10., 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB** nº 4, de 2 de outubro de 2009.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FERREIRA, L. **Inclusão escolar**: práticas pedagógicas no contexto TEA. Rio de Janeiro: Universitária, 2019.
- GAGLIATO, J. F.; SANTOS, C. S.; PINHEIRO, N. S. M. **A ludicidade como prática docente na inclusão de crianças com TEA**. Revista Formadores, v. 15, n. 30, 2022.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, K.; SASS, R. F.; REIS, L. S. **O lúdico no processo de ensino e aprendizagem da criança com TEA**. UFFS, 2023.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- OLIVEIRA, R. C. **Ludicidade**: a importância dos jogos e brincadeiras na inclusão escolar dos alunos com TEA. UNINTER, 2022.
- PROFESSORA. **Entrevista I**. [jan. 2024]. Entrevistador: Luzimara Miranda. São Francisco do Conde, 2024. 1 arquivo .mp3 (2 min.).
- SZABO, C. B. **Autismo – um mundo estranho**. 4. ed. São Paulo: Edicon, 2015.
- UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Salamanca, 1994.